

# **Botando corpo e (re)fazendo gêneros**

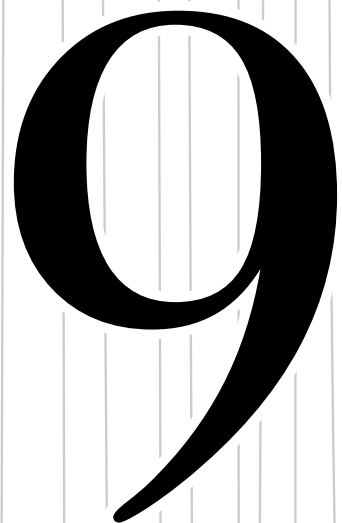
*Putting body on and (re)making genders*

**Anne Christine Damásio**

*Professora da Faculdade de Saúde de Santa Cruz/UFRN*

*Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

*annecdamasio@yahoo.com.br*



## Resumo

Apresento uma discussão sobre a fabricação do feminino nos corpos das travestis e *drag queens*, com vistas a compreender como as mudanças corporais empreendidas se relacionam com a construção das expressões de gênero. Tentando articular as reflexões acerca das relações de gênero e toda uma série de apropriações/atualizações do referido conceito, informada por um olhar etnográfico centrado nos grupos mencionados. Aponto os corpos construídos, como o lugar para onde converge as minhas inquietações, por serem portados como a principal marca identitária dos sujeitos. Assim construí o texto em questão a partir dessas pequenas histórias etnográficas que me foram reveladas, sobre esses sujeitos e seus corpos.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Corporeidade. Travestis. *Drag queens*.

## Abstract

I present a discussion about the feminine making on transvestites and drag queens bodies, leading to comprehend how undertaken body changes can be related to the construction of gender expressions. I'm also trying to articulate the reflections about the gender relations and a whole series of appropriations/updates from the referred concept, informed by an ethnographical look forwarded on the mentioned groups. Then, I point the constructed bodies, as the place where my concerning is converged to, since they are portrayed as the main subjects' identitary trace. So I did the present text directly from these little ethnographical stories revealed for me, about those subjects and their bodies, those subjects into their bodies.

Keywords: Gender. Sexuality. Bodyness. Transvestites. Drag queens.

O que passo a relatar aqui, renunciando a classificações enclausurantes do humano, são fragmentos de vidas, histórias revestidas de um viés de ludicidade que implica no desmonte e remontagem dos corpos, não sem uma carga de tragicidade que pontua a existência humana, assentada que está na impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos<sup>1</sup>.

É de corporeidade que falo, de compleições físicas que fogem a um ideal heteronormativo fundado que está em um detalhe anatômico, de adesões a formas corpóreas definitivas ou provisórias, numa lógica do 'nem sou isso nem aquilo, não estou indo para lugar nenhum'. Entendo que a (trans)vestilidade sinaliza a corporificação da ambiguidade do gênero, mas não se restringe a ela, na construção desses corpos; as travestis e *drag queens*, operam com (re)semantizações simbólicas de gestos (trejeitos), atitudes, elisões daquilo que os constituiu num primeiro momento, onde os detalhes anatômicos se inscrevem enquanto determinantes centrais de escolhas e comportamentos, ou seja, uma (re)generização gradual que poderia ser lida a partir da ideia de socialização secundária, como um momento de (re)socialização de si generizadamente.

Assim uma das chaves para compreensão desses sujeitos estaria na potencialidade de trânsito, de mobilidade, que desmontaria os lugares do feminino, e do masculino, não se constituindo, portanto, em um *locus* de estaticidade.

A pesquisa em questão estaria situada no campo dos estudos de gênero e sexualidade, destacando sobremaneira o lugar que a corporeidade ocupa, na medida em que seria centro de confluência e materialização, 'lugar' onde sexo, gênero e sexualidade se encontram, observando que essas categorias não esgotam o repertório de composições corporais possíveis (entre)vistas em campo, sobretudo ao se considerar que a realidade tende a ser representada a partir de 'categorias nitidamente contrapostas'. Sendo, como afirma Swain (2005, p.18), “a binariedade talvez a principal categoria ordenadora do pensamento ocidental, que concebe o real em termos de opostos, de polos, cujo agenciamento se traduz em lutas e antagonismos”.

Dessa feita, os sujeitos pesquisados surgiam como capazes de revelar a ineficácia das nossas taxionomias, na medida em que a feminilidade inscrita nesses corpos anatomicamente masculinos não se reduz aos caracteres sexuais, mas a um conjunto de atributos de comportamento (re)avaliados, (re)negociados e (re)arranjados. O que afirma o aspecto subversivo dessas

---

<sup>1</sup> O artigo em questão é parte da tese de doutorado apresentada ao PPGCS – UFRN.

experiências, mas não as exige de compartilharem das representações acerca dos sujeitos sociais fundadas na lógica da binariedade.

Algumas questões nos surgem enquanto norteadoras para orientação do presente artigo. Que mecanismos sociais, enquanto parte desse processo de construir-se generizadamente, são acionados para que os sujeitos pesquisados se reconheçam enquanto travestis e *drag queens*? Que significados sobre corpo e corporeidade e sobre o que é considerado masculino e feminino são mobilizados pelos sujeitos e como essas significações reverberam nos corpos? Como se dá o processo de construção (re)generizada? Que relações se estabelecem a partir dessa atribuição de significações? Quais os significados atribuídos a gênero e identidades sexuais? Como os significados sobre gênero e identidades sexuais se materializam, enquanto organizadores das relações sociais estabelecidas pelas travestis e *drag queens*?

Saliento, contudo, que estou longe de esgotar as questões que me imponho para análise, apenas toco em sua superfície, expondo-as através dos fragmentos etnográficos que recolhi, o que justifica à impossibilidade de distinguir 'momentos teóricos' e 'momentos etnográficos' no presente texto, na medida em que eles se interpenetram.

### **(In)corporando: ou de como ser uma “mona trucada”**

Aqui o corpo toma a cena em toda a sua materialidade, alvo dos olhares, dos discursos, experimentado como antidesestino. E passo a me apropriar dele como lugar para onde convergem minhas inquietações. Corpos que se inscrevem na contramão das 'formas ideais', ou seja, enquanto corpos indefiníveis, por evidenciarem a possibilidade de mimetismos, obscurecendo e eclipsando linhas de fronteiras que obsediam o social quando não estão claramente delineadas.

Empreendo, assim, uma análise voltada para a compreensão acerca dessa fabricação corpórea, por serem portadas como a principal marca de identificação dos sujeitos. Para tanto, recupero pequenas histórias etnográficas que me foram reveladas, renunciando claramente a ideia da 'totalização imaginária do olhar', na medida em que, ao perseguir fragmentos das trajetórias aqui apresentadas, lanço mão de cenas soltas, de blocos de falas, múltiplas, emitidas nos momentos em que o gravador se inscrevia como parte do encontro com o sujeito entrevistado, ou naqueles em que as falas eram tomadas fora do registro do gravador, e anotadas no diário de campo. Desse modo, pretendo conduzir uma aproximação gradual (porque gradual se faz a

fabricação corpórea) com os processos de transformação/constituição dos sujeitos observados.

Importante salientar que o processo de construção dessa corporeidade desestabilizadora, e os significados a ela atrelados, se faz no centro das relações de poder e de feitura pessoal tanto nas travestis quanto nas *drags*. Assim o corpo será pensado como lugar de inscrição simbólica que refletirá posições sociais na estrutura de 'todas as' relações de poder (seja de classe, gênero e raça, etc.), sendo um campo profícuo para a leitura do mundo social, na medida em que operaria a partir de uma lógica também dual, em que é fincado no processo de interiorização das disposições vigentes no social, e enquanto tal apreende essas disposições e reproduz a ordem do mundo, sendo um legitimador da ordem binária existente.

As travestis e *drags* observadas me falavam sem palavras das inúmeras potencialidades do ser mulher, através do processo de (ex)corporação em corpos biologicamente marcados com signos anatômicos do masculino, o que está em jogo é uma percepção identitária forjada em materialidade, à revelia das inscrições biológicas, assentada numa perspectiva que revela a especificidade do vivido, do experienciar cotidiano do corpo desejado/produzido. Assim os sujeitos vivenciam essa feminilidade no corpo e através dele; tomando-o e (re)fazendo cotidianamente como um 'projeto de vida'.

Projeto que remete a um nível de processualidade operada na feitura desses corpos, onde são mobilizados significados do feminino, através de marcas tegumentares que adquirem valores específicos dentro dessa economia corpórea: os litros de silicone, a ingestão de hormônios, a marcação epidérmica, seja provisória ou definitiva, constituindo-se em operadores fundamentais na construção da subjetividade. Penso essa ideia de processualidade não como algo que remeta a um desenho final do feminino, o que garantiria a lógica do *continuum* que vai do 'gayzinho-drag-travesti-transsexual', como afirmado por Fabiano Gontijo, e alguns autores que trabalham com a temática em questão:

No Brasil haveria um continuum que vai da caricata (homem que caricatura a mulher para que se apresente em espetáculo) ao transexual (homem que passa pela operação cirúrgica de “mudança” total de sexo, estando à espera de seus documentos de “mulher”) (GONTIJO, 2005, p.17).

Ou seja, a processualidade, mencionada aqui, encontra sentido quando penso a plasticidade desses corpos no que tange ao fazer-se, como algo

que encontra formas de expressões diversas, o que apontaria para a impossibilidade de apresentar 'as travestis' e 'drags' observadas enquanto parte de grupos coesos, engessados em nome desse termo constituído em categoria analítica. Assim reconheço que a apresentação das diversas histórias de vida narradas oferece processo de construção dessas diversas formas de corporeidade como chave de leitura.

### **Histórias experienciadas em corpos**

Passo a orquestrar as narrativas das travestis, e das *drags* como falas de si, como forma de valorizar uma certa espontaneidade, que pressupunha mais soltura e liberdade para esses pequenos pedaços de vozes que não estariam no foco da sala principal, e que no meu texto, poderiam ressoar pelo espaço sem a orientação prévia, a falar de impressões da existência, que se constituía paralelo a um fazer continuado do corpo. Confissões que intercalavam silêncios e falas acerca de amores, desejos, acontecimentos, medos, paixões, ódios.

Pensar esses aspectos que salpicam as narrativas e espocam nas observações e na convivência cotidiana, me fez atentar para a necessidade de articular o cotidiano que estrutura as relações sociais estabelecidas entre/com esses sujeitos, e a conseqüente formação de uma subjetividade que num processo de (re)socialização generizada, estaria assentada na própria noção de experiência. Pensada aqui a partir da perspectiva de Joan Scott, na medida em que essa autora sugere claramente a impossibilidade de pensar o termo experiência como guardando um significado auto-evidente. Evitando com isso incorrer no equívoco de pensá-la a partir da ideia de 'naturalização', como algo independente dos processos históricos e sociais.

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica, sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. (SCOTT, 1995, p. 27)

Historicizar a experiência para Scott é compreender como discursos, em sua temporalidade, posicionam e produzem os sujeitos (inclusive subjetivamente e relacionalmente). Compreendendo a experiência como algo do qual se sai transformado e constitui-se em transformações que o sujeito deve experimentar para alcançar outra forma de ser. A experiência pensada em sua

articulação com o sexo, gênero e a sexualidade, se seguidas as argumentações de Lauretis (1994), estaria constituída por efeitos de significados e auto representações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais que produzem mulheres e homens – as chamadas tecnologias de gênero.

Numa mirada superficial sobre os corpos desses sujeitos, se observaria claramente as intervenções tecnológicas/protéticas materializadas, e enquanto tais eivadas de um conjunto de significações dispostas no imaginário social. No entanto, se considerados os aspectos que constituem a experiência enquanto produtora dos sujeitos sociais, e por conseguinte de sua existência objetiva, torna-se perceptível sua relação enquanto (re)produzindo a própria existência subjetiva dos mesmos. Nesse sentido o imaginário – para o bem ou para o mal – inscreve-se como capaz de fornecer possibilidades infindas de existência.

### **Conversas etnográficas**

A afirmação da feminilidade empreendida/buscada reiteradamente implica, para além da gramática de gênero e fixação dos lugares sociais, pensar a processualidade operada na feitura das travestis e *drags* como os significados do feminino são mobilizados, para entender que esses significados, marcas tegumentares, adquirem valores específicos, os litros de silicone, a hormonização, a marcação epidérmica, seja provisória ou definitiva, são operadores fundamentais na produção de subjetividades.

Passo a transcrever fragmentos de vozes acerca do processo de construção corporal empreendido pelas travestis entrevistadas, salvaguardadas as devidas diferenças e diante desse quadro heterogêneo, entendo, como em Le Breton (2006, p. 29), que “a tarefa da antropologia (...) é compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica” (materializada/materializável) e “destacar as representações, os imaginários, os desempenhos, os limites que aparecem como infinitamente variáveis”.

Sentada ao lado de Kelly na pousada onde a mesma residia, pude registrar a conversa que passo a narrar, acerca da sua saída de casa:

Pesquisadora – Você saiu quando seus pais descobriram?

Kelly – Sai né mulher, foi barra, mais eu tenho certeza que minha mãe já sabia, ela sabia, ela me pegava olhando pra os amigos do meu irmão, sabe quando você espicha aquele olho pidão em cima do bofe, então eu já era travesti desde pequena, rssss.

Pesquisadora – Quando você começou a se montar mesmo?

Kelly – Mulher naquele tempo tudo era mais fácil, dinheiro era mais fácil... e eu encontrei, assim eu já conhecia de ver ela na cidade, uma mona que já era velha, e ela foi me ensinando os truque de como se maquiar, de como se arrumar, eu assim mulher, eu sempre gostei dessas coisa de mulher, então comecei tomando horrores de hormônios, todo santo dia tomava, aí quando eu comecei a juntar dinheiro, quando eu fui primeiro para Recife, eu botei silicone duas vezes, eu tenho cinco litros de silicone, botei nos seios, aqui, como fala, no quadril, no rosto nessa parte todinha aqui(...)<sup>2</sup>

Como a grande maioria de travestis, percebi no tempo que durou a pesquisa que havia recorrentemente a necessidade de naturalizar esse desejo de ser feminina, apontando momentos da infância como icônicos para pensar ontologicamente esse processo de gestar-se generizadamente. O que me parecia interessante ao acionar essa possibilidade de recuperar as histórias de vida, de em meio aos fragmentos, localizar concomitante a formação corpórea e de um estilo próprio, aspectos da personalidade que foram se revelando paulatinamente no convívio com as meninas, era entender como elas foram atribuindo um sentido para essas histórias que num primeiro momento foram vividas com imenso sofrimento, agora distanciadas, passavam a fornecer uma coerência mínima para a produção de si. O que sugeria uma série de pontos de convergência entre as histórias.

Encontrei Leilane na Universidade, havíamos marcado a entrevista para uma quarta-feira à tarde, dia em que ela teria aulas na pós-graduação em História, na UFRN, saindo direto de lá para as escolas em que trabalhava. A conversa teve um tempo de duração de quase duas horas, ela me narrou detalhadamente o processo de transformação pessoal e corporal, que passo a transcrever:

Leilane – No momento da minha afirmação eu tive aquela fase de gay espalhafatoso sabe, adorava fechação, aparecer, na fase travesti teve muito isso, nessa fase inicial quero dizer... hoje não, hoje tudo o que eu quero é ser mais uma no meio da multidão, entende? Então para isso eu pretendo no futuro, ir até as últimas consequências, isto é fazer a cirurgia, não sei quando vou fazer, tô numa periferia, é... do ponto de vista dessas questões tecnológicas numa

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada com Kelly (2006).



periferia, no próximo ano vou até São Paulo para ver essas questões, como é que fica...

Pesquisadora – Com relação ao processo de transformação, você tomou hormônio?

Leilane – Eu tomo, ainda tomo lógico, mulher, hormônio se você parar de tomar, você perde o corpo que você montou, que você conquistou...

Pesquisadora – Quando você toma a primeira vez o processo é lento (...) Gradual...

Leilane – É lento, hiper lento, principalmente porque eu, eu na época, orientada por essa amiga eu fiz a opção de não me intoxicar, ou seja, eu comecei devagar, com uma injeção, passei seis meses com uma por mês, aí depois aumentei, uma a cada quinze dias, porque como toda droga a medida que você mantém a dosagem ele passa a não fazer mais efeito, por isso que você precisa estabelecer intervalos grandes para começar a aumentar gradativamente, se você começa com muito, rapidinho vai ter que tá tomando mais ainda(...) O fato é que não pode tomar hormônio para o resto da vida, por outro lado não pode parar de tomar hormônio né, então qual a alternativa? Por silicone, e silicone não dá para colocar assim, então é ir levando, ir levando, até o momento que dê para fazer. Agora eu tô investindo na minha carreira aqui né, no meu mestrado, de repente talvez com esses títulos eu consiga abrir, abrir mesmo que forçadamente o espaço das instituições para mim, com concurso, com o que seja, ou seja, eu tenho vinte e cinco anos, termino o mestrado no final de dois mil e sete, início de dois mil e oito, entro no doutorado, com mais quatro anos, com trinta, trinta e um, no máximo trinta e dois eu espero, eu espero ser doutora, e aí sim, eu acho que vou poder finalmente, ter todo um retorno financeiro de uma vida inteira, de sonho e investimento, poder se materializar em mim, concretamente em mim, sabe. Aí poder olhar para mim e dizer assim, foi conquista, tudo foi conquista! (...) bendita tecnologia...<sup>3</sup>

Pensar a ideia de processualidade como marcador da feitura dos corpos das travestis é já entender quais os significados mobilizados nesse ato de fazer-se, as marcações epidérmicas, provisórias ou definitivas adquirem

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Leilane (2007).

valores específicos e se constituem enquanto operadores de subjetividades. Quando penso a forma como a entrevistada elabora a construção contínua e progressiva do seu corpo, observo aspectos que não concernem aos significados mobilizados pelas travestis e *drags* que foram parte dessa pesquisa. Para ela, a elaboração corpórea se erige enquanto projeto, caracterizado pela reflexividade, percebida como nossa capacidade de interiorizar um sentido acerca do masculino e feminino, questioná-lo e a partir da reflexão empreendida criar um novo sentido, o que reverbera diretamente na ação deliberada sobre si. Outro aspecto elucidativo da relação que algumas travestis estabelece para pensar essa construção corpórea, é a reinterpretação dos usos e conhecimentos médicos, quando esses saberes (e práticas) médicas passam a se inscrever nos domínios da vida cotidiana.

Devo salientar que na pesquisa com as travestis, a cirurgia de transgenitalização adquire importância diversa, sendo objetivo de apenas duas das entrevistadas a realização da mesma. O que aparece claramente nas entrevistas e vivências é a apropriação distinta dos significados da feminilidade e masculinidade, e consequente inscrição desses significados nos corpos, sendo fundamental a alusão à impossibilidade de tentativas de homogeneização identitárias no que tange à compreensão do humano. Assim buscou-se compreender as expressões identitárias em questão a partir de perspectivas que entrelacem vivências, experiências, pertencas sociais diversas, o que reforçou sobremaneira a noção de que a feminilidade e masculinidade adquirem ares distintos e/ou comuns àqueles reinantes no imaginário social, não havendo apenas uma busca por um suposto feminino, constantemente reiterada e materializada no corpo.

O feminino-travesti não se resumiria à (in)corporação do gênero num dado corpo, anatomicamente portador de outros signos, como se a cirurgia de transgenitalização se desenhasse no horizonte dos sujeitos pesquisados a partir de um ideário de normalização, fundado na lógica da coerência entre corpo-sexo-gênero-desejo. As escolhas mobilizadas acerca da feitura corpórea são oscilantes e múltiplas, divergindo largamente entre os sujeitos pesquisados, o que apontaria inexoravelmente para a especificidade do tornar-se travesti, estando assentada num conjunto processual de gestos, normas, ritos e práticas simbólicas, consciente ou inconscientemente manejados, inscritos nos corpos e traduzidos em relações sociais.

Ao modificar a forma do corpo, a pessoa tenta controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social; ela escolhe uma forma física “nova” indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique. No entanto esse modelo corporal não é apenas formal, uma vez que o

sujeito incorpora também os valores morais incluídos em sua constante reconstrução (MALYSSE, 2002, p. 96).

As discussões sobre modificações corporais, sua perpetuação e manutenção como apresentada pelo referido autor, privilegiam uma análise consonante com as minhas inquietações, na medida em que empreende uma reflexão acerca das inúmeras maneiras que cada sociedade mobiliza para esculpir os corpos femininos, fundadas que estão na construção/legitimação de um ideário de valorização de sinais distintivos sexualmente disponíveis. Importante aludir à ideia de que a noção de feminilidade espreada no imaginário social será interiorizada e materializada de formas diversas. No que concerne à feitura corporal das travestis entrevistadas, percebo que o nível de reflexividade e, por conseguinte, a efetivação de modificações devem ser pensadas não somente como materialização desejante de produção corpórea, mas como estando no centro de uma série de posições construídas socialmente, refiro-me especificamente à sua inserção de classe, raça, marcadores sociais tão determinantes quanto o gênero. Entender como operam raça, classe, gênero – em conjunto e independentemente – pode ajudar a compreender melhor como o social se torna corporificado. Para elucidar esse aspecto, penso particularmente numa conversa que passo a transcrever:

Pesquisadora – Uma vez estávamos falando de travesti e transexual, você me disse que se pensava enquanto transexual, por quê?

Tobias – Eu não me penso eu sou, porque se eu pudesse assim num passe de mágica é, é abolir características masculinas de cima de mim eu abolia, se eu tivesse o narizinho de Jenny é um gênio, de Samanta a feiticeira, eu era, eu tenho certeza que eu seria mais feliz... eu não me vejo feliz sendo homem, porque eu tenho certeza que mulher nenhuma me completaria, sob hipótese nenhuma uma mulher me completaria...além do mais meu objetivo é fazer a cirurgia de transgenitalização, já pesquisei tudo o que podia, e assim que juntar dinheiro farei, principalmente porque quero me sentir integrada psicologicamente você entende? Você acha que eu me mato de trabalhar para quê?

Pesquisadora – Eu fico me perguntando como é que você equaciona, você fala de você no feminino, mas seu nome é Tobias...

Tobias – Na verdade isso não é problema, Tobias me define, é meu nome, do mesmo jeito que você deu um nome para isso de coca-cola, garfo, é arbitrário, eu não sei também se por conta da questão do curso, não é, quando eu fiz letras

eu descobri que o nome das coisas são porque você quer que seja, não tem relação nenhuma do nome com a coisa, o meu nome é uma forma de chamativo, de alguém poder chamar minha atenção, direcionar o discurso pra mim especificamente, ou falar comigo, mas Tobias para mim é só um nome, um rótulo, pra mim não é nem masculino, nem feminino(...)<sup>4</sup>

Segundo Berenice Bento (2006, p. 45), o que faria “um sujeito afirmar que pertence a outro gênero é um sentimento; para muitos transexuais, a transformação do corpo por meio de hormônios já é suficiente para lhes garantir um sentido de identidade”. Assim percebo na fala de Bia esse saber de si através de uma pertença ao gênero feminino, construída gradativamente ao longo da feitura corporal, e legitimada nas apropriações que ela busca nas explicações médicas para justificar e entender as quantidades e os efeitos dos hormônios femininos no seu organismo.

Sentada ao lado de Lucrecia numa das esquinas da avenida escolhida para etnografar, ela afirmava peremptoriamente, e com um orgulho indisfarçável na voz:

(...) é assim bicha, se você toma o remédio e é rápido é porque você já nasce mulher, bate lá dentro no que é de mulher em você e não tem jeito, por isso tem umas bichas que toma, toma e não adianta de nada... mas eu já deixei de tomar faz uns dez anos e você pode ver, ainda tô com tudo em cima.<sup>5</sup>

De acordo com Hélio Silva (1993), as travestis passam grande parte do seu tempo dedicando-se às transformações potencializadas em seu corpo. Constroem paulatinamente o corpo desejado, eminentemente feminino desfazendo-se gradativa e cotidianamente do corpo masculino. Zelam por essas pequenas alterações físicas, recorrendo a todo tipo de técnicas ou recursos na busca de cada característica a ser adquirida. O que leva a um cuidado constante com a 'natureza' desta nova mulher.

Curioso observar uma certa consonância nas diversas narrativas, como se a legitimar uma inscrição diacrítica de elementos corporais dissonantes (seios e pênis) em função de uma naturalização vigente no senso comum, como se a buscar explicações biologizantes para a (ex)corporação de um desejo, claramente transfigurado no corpo, sendo fundamental aludir às experiências corporais.

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Bia (2005).

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Lucrecia (2006), na Av. Eng. Roberto Freire.

Um dos elementos apontados em todas as entrevistas como fundamental na aquisição do corpo desejado é o hormônio, via de regra apresentado como substância que faria eclodir o que há de feminino nesse corpo. O que irá divergir em larga medida serão as representações acerca da ação dos hormônios no corpo das travestis, variando a partir de critérios diversos, algumas irão apresentar justificativas com forte apropriação das explicações e do discurso médico. Uma ideia comum, recorrente em grande parte das falas, é a de que estes medicamentos instauram uma nova condição no corpo: a condição de travesti. Nesse sentido, recupero novamente fragmentos da fala de Lucrecia que são icônicos para pensar as representações acerca da utilização de hormônios, e que remetem a naturalizações corpóreas acerca dos modelos de feminilidade e masculinidade:

Às vezes eu acho que é assim, um dom, você nasce com ele, e os hormônios servem só para aumentar esse dom (...) mas também tem uma coisa, eu não gosto de tomar direto porque senão eu vou ficar igual a umas bichas que eu conheço, que são tipo insuportáveis e que sempre ficam atacadas quando tomam hormônio.

Através das diversas narrativas, acerca das técnicas de utilização e das maneiras de produção corporal a partir da utilização de hormônios é recorrente essa alusão a um certo grau de irritabilidade e nervosismo, que, como nos diz Benedetti (2005, p.36), “afetará a pessoa para além do seu organismo, perturbando as suas relações”. O que leva a inquirir a uma espécie de (pré)disposição eminentemente feminina, na medida em que, como afirma Duarte (1986), a irritação é uma característica atribuída ao feminino (tendo a mulher uma qualidade mais nervosa), em oposição ao 'homem' que se caracteriza pela força (em oposição à sensibilidade). Isso se percebe comumente, e poderia ser apontado como invariante, não apenas nas falas colhidas em campo mas nas obras citadas ao longo do presente trabalho. É que para além de mensurar os efeitos fisiológicos, na medida em que esses se inscrevem palpáveis, as diversas narrativas apontam para uma ação que não é meramente fisiológica – no sentido de viabilizar a produção do corpo desejado – mas uma modificação/constituição de modos de ser, agir, sentir e pensar no feminino. Dessa forma, o tratamento hormonal propicia a aquisição de novas características corporais, bem como de particularidades de uma ordem moral representadas na sociedade enquanto relativas ao comportamento feminino, como sublinhado por Benedetti:

A transformação do gênero se constrói e se afirma a partir do ingresso nesta rede de conhecimentos, que exige uma intensa socialização das novatas para que lentamente,

como os efeitos dos hormônios, surja um “todo” feminino. Neste sentido, poderíamos pensar os hormônios como os elementos que estabelecem esta mediação entre o físico e o moral, na medida em que eles agem sobre o corpo (percebido como uma realidade físico-moral) e produzem efeitos tanto de ordem física quanto moral. (BENEDETTI, 2005, p. 80)

Assim, o consumo dessa substância apontaria para um momento em que as travestis passam a ser reconhecidas como parte desse mundo (re)generizado, uma espécie de primeiro momento, que atrelado a outras técnicas – como a ingestão de silicone – produzirão o corpo desejado. Como afirma Lorena, “travesti que é travesti toma hormônio, esse negócio de botar bunda de espuma é coisa de bicha enrustida no carnaval”. Segundo Larissa Pelúcio (2006), o processo de tornar-se travesti poderá seguir um percurso mais ou menos semelhante, divergindo apenas no que tange às implicações subjetivas:

(...) se inicia com extração de pêlos da barba, pernas e braços, afina a sobrancelha, deixa o cabelo crescer e passa a usar maquiagem e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo da casa. A seguir, começam a ingestão de hormônios femininos (pílulas e injeções anticoncepcionais e/ou de reposição hormonal), passando por aplicações de silicone líquido nos quadris e, posteriormente, nos seios, até chegar (e nem todas podem fazê-lo por absoluta falta de dinheiro) a intervenções cirúrgicas mais radicais – plástica no nariz, eliminação do pomo-de-adão, redução da testa, preenchimento das maçãs do rosto e colocação de prótese de silicone. (PELÚCIO, 2006, p. 4)

O que caminha na mesma direção da análise realizada por Benedetti (2005), quando este autor afirma ser a decisão pela iniciação do uso de hormônios como uma das mais importantes na vida das travestis que iniciam este processo ainda na adolescência, pois acreditam que as mudanças da puberdade possibilitam a instauração da condição feminina de forma mais eficaz.

Esse aprendizado travesti foi descrito por quase todas as entrevistadas como um momento em que na interação com as outras travestis o corpo vai sendo delineado. Assim a interação entre os atores sociais criará/consolidará a gestualidade<sup>6</sup>, técnicas do corpo, entonações da voz, ações do corpo que são

---

<sup>6</sup> A relação entre gestualidade, técnicas corporais e expressão dos sentimentos, encontra-se presente na obra “Sociologia do corpo”, de Breton.

submetidas à interiorização por parte das 'futuras' travestis, e terminam por revelar uma simbólica própria a cada grupo social. Em função desse aprendizado mimético processado por identificação, passo a transcrever uma passagem da narrativa de Leilane, como forma de demonstrar a importância da introjeção dessas técnicas do tornar-se:

Então eu conheci uma, uma ex-amiga, que hoje nós não somos mais amigas, uma travesti mais velha, ela já era travesti a pelo menos quinze anos, e começamos a conversar, inclusive eu comecei a fumar já com ela, começamos a andar juntas e aí ela começava a me montar, ela ia me dando dicas, ela era cabeleireira, então ela dava um toque no cabelo, porque na época meu cabelo tava curtinho, então ela botava uma peruca, ela me maquiava, emprestava uma blusinha e etc. E a gente saía, e eu fui começando a viver um mundo que eu ainda não tinha vivido, entende? O mundo da sedução, da conquista... esse mundo que eu não conhecia, que eu vim conhecer aí com vinte e três anos, e foi quando eu comecei a, eu disse puxa, eu me identifiquei, é isso que eu queria mesmo. Embora na época eu percebesse que aquele é isso que eu dizia naquele momento era pouco ainda, eu aperfeiçoei, eu hoje posso dizer que superei minha mestra. Porque é, ela embora tenha ensinado muita coisa, me introduziu, me apresentou esse mundo, ela é minha madrinha né? Inclusive nesse, no nosso universo existe muita hierarquia, hierarquia rígida, né, e assim, e ela era muito bem integrada, então eu devo muita coisa a ela, hoje a gente não tá mais juntas, mas eu sempre vou ter esse reconhecimento. Mas eu superei, do ponto de vista da concepção do que representa ser, entende? Então o que ela me apresentou, olhe ser travesti é isso, né?<sup>7</sup>

Investe-se numa educação corporal e subjetiva concernente àquele grupo, pautada na construção contínua do feminino, um feminino travesti, específico, inequívoco, observado quando se entra em contato com os grupos e se percebe as ações dos corpos em interação, acionando assim a ideia de uma corporeidade trans, fundadas em técnicas corporais específicas, formas de expressão dos sentimentos, gestualidade e técnica de tratamento.

As técnicas do corpo, no caso do grupo em questão, tendem a reforçar seu potencial de desnaturalização enquanto expressões de gênero, na medida

---

<sup>7</sup> Entrevista com Leilane (2007).

em que os gestos também são classificados a partir de uma binariedade que recorta o universo. Dessa forma, pode-se apontar a não existência de gestos eminentemente femininos ou masculinos. Sendo as técnicas aprendidas nas relações estabelecidas intragrupo, fundamentais no processo de unificação de um *ethos* grupal, que irá alçar a travesti à categoria de 'quase mulher'. Apesar de aparecer recorrentemente nas falas, a não perseguição a esse estatuto, percebi que os signos do feminino, os gestos bem medidos, os sinais de mão, os movimentos do corpo, a maneira de tocar, a forma de debruçar-se, de andar, de falar (as entonações da fala), carregam significação e valor. Sendo o corpo gestado e portado a partir das técnicas e representações.

Observei com certa recorrência que o feminino feito é mencionado nas narrativas como parte anterior desses sujeitos, numa tentativa de divinização ou naturalização do processo de construção gradual do feminino nesse corpo masculino. Exemplifico essa ideia a partir de uma narrativa que passo a transcrever:

A primeira relação que eu tive foi uma relação homossexual, mas foi com um homem, que fazia papel de homem, que sabia que era homem e me via como a parceira da história. Então na minha cabeça eu era aquilo (...) e na relação entendida tem aquilo de, de troca, de performance vamos dizer assim e não cabia pra mim, que não me satisfazia, que eu não gostava. “Foi quando eu comecei a perceber que eu não tinha nascido para ser homem”, foi quando eu tive os meus primeiros conflitos, aquela coisa de porque eu não tinha nascido mulher, sabe, e a questão dos trejeitos. E eu dizia meu Deus do céu, porque quando eu me arrumava eu via uma menina? Comecei a usar salto alto, comecei, comecei, foi uma coisa muito progressiva Anne (...) e eu acho que ainda tô passando por esse processo, eu ainda tô em processo de mutação, visto que na minha cabeça eu ainda, eu ainda quero me transformar em mulher, então eu tô em processo de mutação, eu sou um X-man... mutante.<sup>8</sup>

As narrativas construídas pelas travestis para explicarem o processo de colocação do feminino no corpo masculino, transformação de gênero, são quase sempre remetidas à infância, com alusões a brincadeiras específicas, trejeitos, formas de portar-se e sentir que não condiziam com o gênero de origem, o que possibilita a esses sujeitos tornar inteligível o corpo nos primeiros

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Bia em 20 mar. 2006.



anos de vida, justificando a aplicação dos signos do feminino no presente. Assim, na reconstrução dessas histórias, a infância surge como momento basilar. Observei que a alusão a narrativas que remetem às histórias de transformação do gênero ao período da infância eram uma tentativa continuada de naturalização desse processo de vir a ser, onde o feminino é inserido, apagando traços desse masculino não desejado.

Pesquisadora – Quando sua mãe soube?

Rebeca – A minha mãe, quando ela soube da minha transformação? Com quinze, foi quando minha prima voltou de São Paulo... mais ela sempre soube mulher, porque eu sempre vestia as roupas dela e da minha irmã, pense numa bicha que adorava maquiagem, aprendi a fazer unha, tudo que mulher mexe eu mexia, ela até me ensinou a costurar, então eu fazia a bainha das calças dos meus irmãos e do meu pai, ajudava na cozinha, ela sabia que eu tinha jeito pra coisa, mas às vezes eu acho que ela fazia de conta porque meu pai sempre foi muito ignorante, quando eu vim me embora era porque ele brigava muito com ela, porque ela ficava só me defendendo, deve ser essa coisa de ela ser mãe, mulher sabe como é, essas coisas de instinto materno né? Então eu resolvi, eu saí porque era assim, meu pai brigava muito com ela, de brigar e discutir por minha causa... pra evitar problema pra ela né, deixar ela em paz, aí eu digo de vez em quando, quando eu ligo... mulher se cuide, não se preocupe comigo... eu digo pra ela não se preocupar, né porque... Hoje em dia eu sei que se eu tivesse um filho, ou criasse o filho do outro lá eu defenderia também, porque eu também tenho essa história de ficar, tipo, ficar tomando de conta, eu cuidei mais de Jéssica do que a mãe, você pode perguntar para quem quiser aqui, e se você perguntar pra Jéssica ela vai dizer que gosta mais de tia Rebeca do que da mãe... rsss, eu também tenho instinto de ser mãe.<sup>9</sup>

As histórias que reportam à infância, que aludem aos familiares a partir de um viés de distanciamento forçado, apareceram recorrentemente nas narrativas das travestis. As descrições de suas trajetórias de vida sempre eivadas de referências à mãe e aos irmãos. Importante considerar, contudo, que as referências feitas carinhosamente aparecem quando atenuadas as tensões relativas à descoberta da homossexualidade e do travestismo. “Serenadas as

---

<sup>9</sup> Entrevista com Rebeca (2006).

emoções, esses relatos revelam bonomia em face da intransigência, pontilhada de referências carinhosas à família” (SILVA, 1993, p. 52).

Momentos que pinçados nas narrativas pareciam oferecer uma certa coerência para essas vidas, como se no momento da entrevista fosse ofertado ao sujeito a possibilidade de interrogar-se. Como apontado por Benedetti (2005), essas alusões à infância são recorrentes nos estudos sobre travestis<sup>10</sup>:

Há que se levar em conta também que o sentimento e o comportamento femininos são vistos a partir da mesma ótica que concebe o desenvolvimento de homens e mulheres, ou seja, o argumento de que esses processos são “naturais”, e não artificiais ou deliberadamente construídos pelos sujeitos. As travestis acionam os mesmos critérios (...) para dar significado a todas as possibilidades de gênero e sexualidade (...). Nesse grupo, os atributos da sexualidade e do gênero são usualmente investidos de uma característica natural, (portanto imutável, fixa) ou predeterminada (destino, natureza) para todas as pessoas (...) (BENEDETTI, 2005. p. 100).

Contudo essas narrativas que apontam a primeira infância como momento de percepção do desejo pelo mesmo e do desejo de transformação, vão gradativamente se distanciando, ou adquirindo graus menores de naturalização, quando o que está em jogo é sua interação cotidiana com aqueles com quem as travestis estabelecem relação, assim portar-se de forma eminentemente feminina não será mais apontado como algo da ordem do natural, mas como parte de um lugar social que vai sendo investido gradativamente, na produção desse feminino travesti, num processo consciente de aprendizado contínuo, sendo a transformação da aparência corporal, central na construção do corpo e na sua conseqüente generização.

Ao contrário das representações do senso comum, as travestis que entrevistei<sup>11</sup> não estão necessariamente em busca de cirurgias em definitivo – num processo que foi caracterizado inicialmente, por alguns trabalhos, como “evolutivo e analisado a partir de um viés patologizante, o que remetia na minha leitura à necessidade de intervenção nesses corpos”<sup>12</sup>. Assim a *drag*

---

<sup>10</sup> Penso particularmente nos estudos de Oliveira (1994), Silva (1993) e Benedetti (2005).

<sup>11</sup> Referendo a alusão à feita da transgenitalização em apenas duas entrevistas.

<sup>12</sup> Penso particularmente no trabalho de Neuza de Oliveira, quando a autora, analisando as travestis em Salvador, utiliza um pressuposto patologizante para classificá-los. Para ela, as travestis seriam “seres invertidos sexualmente”.

poderia ser apontada inicialmente como um travesti em potencial e a travesti como tendo em seu horizonte a cirurgia de transgenitalização, na medida em que as travestis, enquanto 'seres invertidos' sexualmente, estariam tomados de uma patologia, reversível através de intervenções cirúrgicas – como se a marca genital definisse ou criasse um feminino 'natural' e por conseguinte 'real'. Algumas travestis apresentadas nas narrativas não objetivam extirpar suas genitálias, apenas ser reconhecido como travesti, passo a transcrever partes de uma entrevista realizada coletivamente, quando o assunto central era a necessidade da transgenitalização para mudança de nomes juridicamente:

Rebeca – Eu não faria cirurgia, não faria por isso não, eu queria meu nome feminino, mas sem precisar fazer a cirurgia tá entendendo, é isso... a gente já mexe tanto no corpo da gente né? É porque a cirurgia é uma coisa muito delicada tá entendendo, aí você vai deitar numa mesa de cirurgia e num sabe se vai sair dali acordada né, a gente bota uma prótese e não sabe se vai sair acordada, né verdade, avalie você fazendo uma cirurgia pra virar uma mulher, e Deus tem que dar permissão pra fazer isso, se Deus quiser acontece da gente ficar legal, mas não é todas que tem sorte não, tem umas que enlouquecem, que fica louca tá entendendo?

Marcela – Também não vem ao meu caso não, tá entendendo, pra mim tanto faz ter o nome feminino ou masculino, não me importa não, eu quero ser o que eu sou, travesti... nem quero ser mulher, eu quero ser travesti, num quero botar meu nome de mulher pra ser mulher não, quero ser travesti...

Rebeca – Mas um travesti bem feminino num é?

Marcela – Exatamente, quero ser assim, uma mulherona, bonita aí olhar assim e dizer, olhe é um travesti, tá entendendo? Mas fazer cirurgia pra ser mulher eu não quero não... acho bonito assim...rrrsss, mas eu, pra mim, num quero não, eu acho demais já...demais, demais.<sup>13</sup>

As narrativas, as reiteradas conversas acerca das mudanças corporais deixavam entrever uma certa tranquilidade em pensar-se enquanto travesti, o que corroborava a ideia de que esse projeto de fazer-se continuamente não implicava um desenho final, normalmente acionado nas representações sociais, a partir da noção de uma 'alma feminina num corpo masculino'

---

<sup>13</sup> Entrevista coletiva realizada em julho de 2006.

(divinização naturalizante que alude à necessidade de readequação entre o sujeito e o espírito, que será transfigurado nesse novo corpo). As falas, as atitudes, obviamente não generalizadas – tendo em vista que algumas travestis entrevistadas já estavam à procura de informações acerca da cirurgia de transgenitalização – apontavam muito claramente a lógica do fazer-se passar por mulher, como se o empreendimento estivesse assentado na necessidade de forjar um corpo feminino passível de ser visualizado enquanto tal. Como afirma Hélio Silva (1993, p. 193):

De qualquer modo, sejam quais forem as predisposições a partir das quais os travestis vivem seus projetos existenciais, há subjacente a toda experiência o tentar passar por mulher. Em suas conversas, por menos interessados que estejam em ser mulher, por mais conscientes da condição homossexual, revela-se orgulho – em graus variados – quando passam por mulheres, são tratados como mulheres. Parecer ou não parecer, eis a questão de todo travesti, de um ou outro modo, segundo se pense ou não como mulher. Questão existencial que paira sobre o corpo, mas que só o corpo pode resolver.

A especificidade apresentada nas falas gira em torno de um jogo comum entre as travestis, a possibilidade de reconstrução desses corpos, sem desenhos finais, sem objetivos em definitivo, um feminino único, não assentado na necessidade de uma transposição, um transformar-se em mulher, um feminino plástico, hormonal, que fala por meio da indumentária, da criação de um estilo, fundamentado numa identificação grupal, mas também numa demarcação pessoal.

Corpos que embaralham as fronteiras ao lançarem mão de uma estética do gênero, como forma de tornar-se membro legítimo do grupo identificado. O que aponta inexoravelmente para a lógica plural das práticas sociais e/ou sexuais, que visibilizadas através desses corpos processuais desmentem a univocidade das relações humanas, desmantelando a suposta fixidez presente nos moldes que constroem as diferenças.

Assim o ato de constituir-se enquanto travesti – e arriscaria afirmar que com as *drags* o processo de constituição também poderia ser lido a partir dessa perspectiva – traria tanto um sentido habilitador, quanto violador da palavra sujeição, deslizando ora para a adequação das normas de gênero, ora para a subversão das mesmas. Segundo Butler (2003, p. 184):

O travestismo tanto pode servir à desnaturalização quanto à idealização das normas heterossexuais hiperbólicas de

gênero. Pareceria que (...) o travestismo é um lugar de certa ambivalência que reflete a situação geral de estar implicado nos regimes de poder mediante os quais se constitui o sujeito.

A partir desse duplo viés que a noção de travestismo apresenta, penso os diferentes investimentos operados na construção dessa corporeidade disruptiva, feita no centro das relações de poder, sendo essas feições corporais, entre travestis e *drags*, subjetivadas de maneiras diversas, porque fruto de aprendizagem e trabalhos contínuos, mas convergentes, na medida em que demonstram uma clara desarticulação entre corpo biologizado e gênero assumido.

### **Scripts de gênero: “ou de um bofe para chamar de meu”**

Uma questão interessante a ser referendada é que o processo de intervenção corporal em ambos os grupos, apesar de convergir para a procura pela invenção de um feminino, adquire conotações diversas. Observei que no caso das travestis (e nesse sentido também das *drags*), a fabricação desse corpo eminentemente feminino se dá colado a um ideal de feminilidade e masculinidade altamente naturalizado, como vigente no imaginário social, e que se traduzirá na construção paralela de uma gramática de gênero e na conseqüente fixação dos lugares sociais, ancorados em prescrições que se sustentam no jogo das oposições ativo/passivo, dominante/dominado, tão presentes na cultura sexual brasileira, como apontado por Fry (1982). Relações sociais que se organizam a partir de uma espécie de *ideologia da virilidade, e que penetra* nos processos de construção dos corpos.

Uma fala surge como emblemática para pensar essas alocações de lugares sociais, quando Rebeca, uma das informantes, descrevendo a frequência de batidas policiais nos últimos tempos, deixa entrever esse ideal de masculinidade; diz ela:

O cara foi homem mesmo, ele saiu do carro e bateu de frente com a polícia, porque tipo assim, ele não tinha arma, não tinha droga, ele só curtia trava e a polícia não tem nada com isso, você não acha? Pra mim é assim, homem tem que provar que é macho mesmo e ele provou, eu não, eu fiquei dentro do carro, linda e loira, sim, porque na época eu estava loiríssima né bicha, acho até que rolava botar uma tinta no cabelo pra vê se o babado começa a aparecer...<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Entrevista com Rebeca em fevereiro de 2006. <sup>15</sup> Entrevista coletiva realizada em fev. 2007.

Desse modo, pode-se observar uma reprodução recorrente nas falas acerca do lugar do feminino e do masculino, uma espécie de *script* de gênero, estando o masculino comumente associado ao ideal de atividade, força, coragem, ao passo que à mulher caberia a lógica da passividade e fragilidade. É importante salientar, contudo, que a alocação desses lugares sociais não se processa de forma estanque, as fronteiras entre masculino/feminino são frágeis e simbióticas, dependendo do momento de existência. Outro ponto a ser referendado acerca dos lugares do feminino/masculino é como as normas de gênero, que determinariam em larga medida as possibilidades de existência do humano, tanto podem ser incorporadas, como vigentes no imaginário social, como desestabilizadas nas práticas das travestis.

Saltava aos olhos na observação e nas falas os deslizamentos acerca de qual feminino estava sendo adotado num dado momento, se as características acionadas seriam a passividade e fragilidade da figura que se constrói para o lar (como quando observava Rebeca fazer o almoço para as pessoas da pensão e cuidar de uma das filhas da gerente do estabelecimento; ou mesmo quando nos falava do sonho de um amor que permaneça, invocando uma meiguice extrema), ou aquelas que conformam um feminino insaciável, sedutor, e aqui reporto claramente a experiência da sedução nos pontos de batalha, explícita no debruçar-se da travesti na janela do carro para negociar com o cliente, (prostituta/mulher sedutora > dona de casa; no corpo feminino da mulher não poderiam estar juntas) na forma de jogar os cabelos, no jogo de ocultar/mostrar que algumas vestimentas propiciam. Haveria algo de teatral nessa experiência de seduzir, nesse *mise-en-scene* travesti, que desperta fascínio, e acaba por revelar esses vários femininos que a constituem, enquanto representante da pluralidade.

Acredito que apontar a pluralidade de significados atribuídos ao feminino no processo de construção das travestis, passaria inexoravelmente pela necessidade de entender a série de significados, que elencados numa gramática de gênero e sexual desses sujeitos, organiza suas relações. Como afirma Benedetti (2000), haveria uma negociação acerca dos “limites entre o feminino e o masculino”, pelas travestis, não sendo passíveis de serem estabelecidos apenas pelas estruturas corporais dos sujeitos. “Entre práticas, corpos e valores considerados masculinos e femininos, os papéis sexuais não seguiriam a mesma lógica”. Passo a transcrever o fragmento de uma entrevista:

Bia – Nós estamos juntos a pelo menos cinco anos, eu sempre deixei que ele seguisse a vida dele, ficasse com a família, mulher, filhos, porque eu sabia da dificuldade que ele enfrentaria, a família é toda evangélica, o pai ainda por

cima é militar, rsss, mas sabia que ele ficaria comigo, porque eu completo ele em todos os sentidos.

Pesquisadora – Então agora vocês estão definitivamente juntos?

Bia – Estamos, e sabe o mais engraçado, é que quando mudei para Currais, por mais que sempre tenha sido respeitada enquanto morei e trabalhei em Caicó, senti uma acolhida muito maior, a gente sai de mãos dadas, eu saio do colégio em que trabalho e passo no bar que ele trabalha, as vezes espero ele acabar para irmos juntos para casa. Na nossa rua as pessoas nos cumprimentam. Lógico que sempre tem aqueles mais homofóbicos né? Mas também acho que essa aceitação, para além do lance do profissionalismo, só é possível porque no fundo eles sabem que eu sou mulher, então é uma relação heterossexual né? Eu sou a mulher dele, ele é meu homem!

As narrativas de Bia, os diversos momentos em que pude observá-la, sozinha ou em companhia do marido – importante salientar que o encontro entre nós três só se deu quando o marido de Bia passou a viver com ela – acaba por situá-los numa gramática de gênero e sexual, pautada na lógica binária do masculino e feminino transfigurada nos corpos, garantindo uma espécie de coerência para sua história pessoal, que será ofertada pela cirurgia de transgenitalização, apontada por ela como um momento crucial para sua realização pessoal. Assim, para além da coerência inicial do sexo (a ser corrigido)/gênero, a sexualidade e suas práticas elencadas a partir do permitido, aceitável, reenquadra a ambos dentro da heteronorma, sendo a “heterossexualidade do parceiro que dará vida ao 'meu' gênero” (BENTO, 2006, p. 213). O que não me autorizaria a produzir generalizações ao pensar que portar um corpo apropriado ao gênero escolhido significaria uma reivindicação ou adesão à heterossexualidade. Elucidativo desse aspecto se fazem as inúmeras experiências de transexuais que, ao empreenderem a cirurgia de transgenitalização, constroem relacionamentos não exclusivamente pensados como heterossexuais.

O aspecto, acima mencionado, a partir da leitura empreendida por Berenice Bento, de que o gênero ganha vida na relação estabelecida após a transformação corporal, pôde ser atestado por mim em várias situações vivenciadas e narradas. Passo a apresentar algumas delas que foram colhidas, seja nas narrativas, seja nas vivências com os sujeitos pesquisados, e que apontam para a centralidade que essa gramática de gênero e sexual adquire na organização das relações pessoais.

Assim, a discussão das categorias de atividade e passividade e as formas de negociação, a partir das práticas e posições assumidas pelos parceiros, aparecem como um elemento recorrentemente apontado nas pesquisas sobre gênero e sexualidade (particularmente aquelas sobre os sujeitos transgêneros). O que em larga medida indica a formulação de uma gramática sexual a partir da qual se dá a distribuição, entre os parceiros, dos dois polos opostos da diferença sexual: macho/fêmea, masculino/feminino, ativo/passivo. Como afirma Loyola (2000, p. 158): “As noções de masculinidade e feminilidade são estruturadas pela dicotomia ativo e passivo, e servem de princípio organizador de um mundo muito mais amplo de significações sexuais”.

Jô – Me fala, pra que diabo eu quero um namorado se não for pra me comer?

Rebeca – Eu também acho que se eu me transformo toda de mulher não vou namorar com um veado, senão eu vou ser o quê, vou ser o quê Sapatão?

Jô – Também acho que tem mais uma coisa, na rua você vive de tudo, você pode ser home mermo montada de mulher, já fiz programa com casal, eca, rssss, só de pensar me dá nojo, mas tava precisando de grana, então fui lá e creu na mulher da bicha. Mas namorado dentro da casa só se for pra me comer.

Rebeca – rssss, mais também não quer dizer que eu num vou mais namorar, eu só não quero outro veado comigo entendeu? Lembra do bofe que lhe falei, ele é casado com uma mulher, e ele me vê como uma mulher, ele nunca daria pra mim.

A posição ocupada pela masculinidade e feminilidade é altamente relacional, sendo a masculinidade valorizada pelo papel ativo desempenhado pelos homens que se relacionam com as travestis, o que corrobora uma lógica acerca de uma gramática de gênero que vai determinar os papéis de masculino e feminino ocupados em todo e qualquer processo de interação. Singularizam-se aqueles que ocupam o polo masculino da relação estabelecendo o contraponto dessa singularização, ou seja, a afirmação do espaço do feminino. Na articulação da base do sistema de gênero segundo o qual as travestis passam a gerir suas interações afetivas e sexuais, se poderia ter um lugar demarcado para o 'marido' ou namorado das mesmas, o que os diferenciaria dos clientes que encontram via de regra quando estão oferecendo serviços sexuais. Como expressado por Kulick (2008) na sua etnografia com travestis em Salvador:



Assim a gratificação sexual não é o que as travestis buscam no relacionamento com os namorados. De acordo com a explicação de Mabel, sexo com o namorado implica o seguinte: “ele vai pra cama com você, você vira de costas, ele enfia, pôu goza/até mais, tchau” e Keila afirmou textualmente: “um travesti não se liga a ninguém por causa do sexo, porque ela não precisa de um namorado para gozar”. A importância de ter um namorado, ao contrário, está no fato de que ele é essencial para a travesti poder se sentir igual a uma mulher. Para tanto ele precisa parecer um homem e sobretudo comportar-se sexualmente como homem. E os namorados de travestis pouco fazem além disso porque é apenas isso que se espera deles. E desde que continuem parecendo homens e agindo como homens, usufruem de uma relativa segurança e as travestis ficam felizes (pelo menos até encontrar um parceiro que possa fazer melhor o papel). Que tais expectativas e demandas resultem em pouquíssima gratificação sexual não é algo importante para as travestis. Elas não querem um namorado por causa do prazer sexual. Elas não obtêm sexo dos homens, mas sim gênero, prazer sexual é algo que as travestis obtêm em outro lugar: com os boyzinhos, com os “vícios” e com clientes que conhecem na rua à noite (KULICK, 2008, p. 147).

Interessante, contudo, atentar para o fato de que a diferenciação no que tange à possibilidade de fornecer um reconhecimento para a travesti de sua feminilidade, como afirma Kulick, com vistas a um reconhecimento de gênero, é estruturante nas escolhas feitas para eleição dos namorados e 'maridos'. Entretanto não poderia generalizar a afirmação concernente a não-obtenção do prazer sexual ao nível meramente ejaculatório, sob pena de negar o reconhecimento da multiplicidade de práticas que viabilizariam o prazer.

### **Para não concluir:**

Procurei ao longo do trabalho traçar uma cartografia de corpos. Contudo, não me detive nos corpos domesticados – corpo-homem, corpo-mulher – não busquei aproximações com esses 'corpos que importam'. Na vastidão social elegi para análise corpos fluidos, que se inscrevem na contramão das formas 'ideais', no que tange a heteronormatividade, com vistas a fazê-los expressar-se, dizer-se, revelando-se em toda a sua potência e precariedade.

As travestis aqui apresentadas através dos fragmentos etnográficos, apontavam as inúmeras potencialidades do 'ser mulher' em corpos biologicamente marcados com os signos anatômicos do masculino. O que se processa nessa feitura corporal cotidianamente empreendida é a materialização do corpo desejado, que percebida aqui a partir do referencial teórico como performativa, se inscreve em todo o seu potencial subversivo. Aciona-se assim uma percepção identitária construída em materialidade à revelia das inscrições biológicas, e fundada numa perspectiva que falava da especificidade do vivido, do experienciar cotidiano do corpo desejado/produzido.

Essas constatações acerca de potencialidades subversivas que deslocavam a 'matriz de inteligibilidade' de gênero e sexual, sugeriam inúmeras questões que foram surgindo como formas de não concluir.

Que mecanismos sociais, enquanto parte desse processo de construir-se generizadamente, são acionados pelos sujeitos pesquisados para que eles se reconheçam enquanto travestis?

A materialização do gênero assumido propiciará uma visibilização incômoda, quando pensada a partir da desarticulação entre sexo/corpo/gênero, efetivando-se em função do processo de construção dessa corporeidade desestabilizadora e dos significados a ela atrelados. Sendo essa feitura pessoal dissonante, que desencadeará o descolamento do corpo/generizado como extensão do biológico. O que observei foi uma clara desarticulação entre corpo biologizado/gênero assumido. Nesse sentido como pensar as intervenções? Quais intervenções seriam positivas porque naturalizadas? A visibilização mencionada, a exposição desses corpos no mundo social, poderiam ser lidos como legitimando ou contestando a ordem existente?

Assim perspectivas teórico/epistemológicas apresentam-se enquanto alternativas para pensar os sujeitos pesquisados, na medida em que a pergunta que me obsidiou ao longo de todo o trabalho: como pensar os sujeitos pesquisados a partir da categoria de gênero? Se erigia enquanto um paradoxo, se esfacelando a cada nova inserção em campo, sobretudo de consideradas as versões que a noção de gênero, tem alcançado, estruturando-se quase que em uma experiência dóxica. Poderia apontar o gênero como atrelado à diferença sexual que produziria e fixaria binarismos os mais diversos, ou ainda, numa alusão insistente ao caráter de construção social do gênero, acabar por não historicizar aspectos como sexo e natureza, ficando intactas ideias relacionadas com identidades essenciais(homens e mulheres).

Dessa forma como pensar os sujeitos? Acredito que perspectivas embasadas em larga medida na teoria *queer* têm fornecido categorias críticas para análises que venham a incorporar uma multiplicidade de sujeitos que compartilham concepções contingentes e não compulsórias de corpos, identidades, gênero e desejos, no caso aqui analisado as travestis.

Um conceito que considero a partir dessa operacionalidade crítica é o de transgeneridade, como apresentado por Mauro Cabral (2006, p.16) na medida em que tal conceito, segundo o autor, constitui-se em um espaço heterogêneo atravessado por uma multiplicidade de sujeitos em dispersão, sujeitos que não se enquadram no binário generizado. Essa linha de pensamento apresentada estaria assentada na perspectiva de Beatriz Preciado (2005, p.17), numa visão em que a diferença sexual não é central, o que se torna relevante é analisar a multiplicidade de sujeitos em dispersão, uma multiplicidade de corpos (trangêneros, ciborgs, homens sem pênis, Femmes butchs, lesbianas, drag kings). Multiplicidade que segundo a autora não se basearia em uma identidade natural, e nem em uma definição fundada nas práticas sexuais (heterossexuais/homossexuais).

Os sujeitos pesquisados, assim como toda uma gama de sujeitos históricos e sociais, buscam através de tentativas sempre renovadas fornecer coerência e estabilidade ao “eu”, enquanto lugar para onde convergem os elementos que possibilitam a fixação de uma identidade pessoal. Entretanto, para além das tentativas de fixação, possibilitadas por conceitos confortadores que caminham para o fechamento, fico reiteradamente obsediada pela diferença. Sendo essa diferença que pretendi trazer à tona, na medida em que ao contar desses sujeitos e seus corpos, das profundas modificações processadas, dos outros usos possíveis, busco, assim como a teoria *queer* aqui utilizada enquanto base central para pensar a construção da corporeidade trans, “explodir os órgãos sexuais como significantes fundantes do humano”.

Dessa forma, “o sexo biológico deixa de ser o significante geral que abriga o binário sexual e passa a ser igualmente signo produzido no próprio seio do agenciamento social” (SWAIN, 2002, p. 326). Ênfase que a discussão apresentada objetivou pensar essas identidades em processo contínuo de construção, sem a procura obsediante por um desenho final, levando em conta a movência que tangencia os encontros, os corpos, as relações, na medida em que falamos de pessoas que não seguem uma regularidade de movimentos, daqueles que vivem à parte de caminhos convencionais. Que elegem a deriva como companheira. De pessoas que vivem o mundo através do corpo, investindo o presente de um máximo de afirmação.



## Referências

- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. Fazer estilos criando gêneros: estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará : EdUERJ, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. (Ed.). *Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer*. Barcelona: Icaria, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABRAL, Mauro. La paradoja transgénero. *Ciudadanía Sexual.org. Boletín Electrónico del Proyecto Sexualidades, Salud y Derechos Humanos en América Latina*. n. 18, año 2, 2006.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Da Vida Nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas), Jorge Zahar Editor/CNPq. Rio de Janeiro, 1986 (2ª edição, 1988)
- ÉRIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FEMENIAS, Maria Luisa; BUTLER, Judith: *Introduccion a su lectura*. Buenos Aires: Editora Catálogos, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Estética: literatura e pintura, música e cinema. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*: vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade*: vol. I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade*: vol. III: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FRY, Peter. *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GONTIJO, Fabiano. Rei Momo e o arco-íris: etnografia das imagens identitárias homossexuais no carnaval do Rio de Janeiro. In: BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa; LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. (orgs.) *Ensaio Reunidos*. Teresina, Halley, 2005.

- KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. 280 p.
- LAURETIS, Teresa de. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LOYOLA, M. A., 2000. A antropologia da sexualidade no Brasil. *Physis*, 10:143-168.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2000.
- MALYSSE, S., 2002. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: *Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca* (M. Goldenberg, org.), pp. 79-138, Rio de Janeiro: Editora Record.
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: CED/UFBA, 1994.
- PELÚCIO, Larissa M. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Revista de estudos feministas*, 14 (2). Florianópolis, mai./ago. 2006.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PISCITELLI, Adriana. G. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas, desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998. p. 49-67.
- PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado (por Jesús Carrillo). *Cadernos pagu* (28), 2007. p.375-405.
- \_\_\_\_\_. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Pensamiento Opera Prima, 2002.
- \_\_\_\_\_. Multitudes Queer. Notes por une politique des anormaux. *Multitudes*, v. 2, n. 12. Féminismes, queer, Multitudes, Paris, 2005. p.17-25.
- SANT'ANNA Denise. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação liberdade, 2001.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica . *Educação e Realidade*, 20 (2). Porto Alegre: jul./dez. 1995. p. 71-99.

SEGATO, Rita Laura . *A Natureza do Gênero na Psicanálise e na Antropologia*. v. 146. Série Antropológica, Brasília, 1993.

\_\_\_\_\_. Os percursos do gênero na Antropologia e para além dela. *Sociedade e Estado*. v. XII, n. 2 (vol. dedicado a Feminismos e Gênero). Brasília, 1997. p. 235-262.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Iser, 1993.

\_\_\_\_\_. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SONTAG, Susan. Notas sobre o Camp. In: \_\_\_\_\_. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 318-337.

SWAIN, Tania Navarro. As Teorias da Carne: corpos sexuados, identidades nômades. *Labrys, estudos feministas*. n. 1-2, jul-dez. 2002. Disponível em: <[www.unb.br/ih/his/gefem](http://www.unb.br/ih/his/gefem)>. Acesso em: 01 jul. 2005.

\_\_\_\_\_. Identidade nômade: heterotopias de mim. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Lesbianismos, cartografia de uma interrogação. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri R.S.; SOUZA, Nádia Geisa S.; GOELLNER, Silvana Vilodre; SOUZA, Jane Felipe. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG, 2007. p. 9-17.

